

A dissipação identitária de Isabella O’Neil Oliver em “Entre os Atos” de Virginia Wolf

Marcilene Rodrigues da Silva (UNEMAT)¹

Resumo: O inter-relacionamento da escritora inglesa Virginia Woolf entre a vida real e das suas personagens rendeu-lhe um estilo peculiar de escrita que não se baseia na relação causa e efeito. Com maturidade literária, combinou representação e forma com um olhar crítico sobre a vida. Carregando em seu histórico o peso psicológico de uma urbanização moderna, sensivelmente captou as verdadeiras implicações morais e sociais de um autoritarismo patriarcal, e isso, explica em parte, o caráter de personagens tão complexas e ironicamente conscientes. Tencionando provocar reflexões sobre problemas sociais e sociopolíticos, criticou com veemência o patriarcalismo vigente na sociedade britânica de início do século XX. Ela não só escreveu sobre sua vida, mas também a vida das mulheres do seu tempo, e aplica-se à sua literatura a busca feminina pela liberdade e por uma identidade dentro de uma sociedade que tinha o homem como sujeitos únicos da história. Pautado na produção artística da romancista, nosso estudo tem como foco de discussão a condição social em que é submetida Isabella O’Neil Oliver, e conseqüentemente a dissipação identitária da protagonista de *Entre os Atos* (1981), sob a perspectiva teórica de Hall (2005), Eliot (1989), Auerbach (1946), Woolf (2013), Llosa (2004).

Palavras-chave: patriarcalismo, dissipação identitária, hipocrisia social

Abstract: The inter-relationship of the English writer Virginia Woolf between the real life and of its personages yielded to him a peculiar style of writing that is not based on the relation cause and effect. With literary maturity, he combined representation and form with a critical eye on life. Carrying in its history the psychological weight of a modern urbanization, it sensibly grasped the true moral and social implications of patriarchal authoritarianism, and this explains in part the character of such complex and ironically conscious characters. Aiming to provoke reflections on social and sociopolitical problems, he vehemently criticized the patriarchalism in British society in the early twentieth century. She not only wrote about her life but also the life of the women of her time, and applied to her literature the feminine quest for freedom and for an identity within a society that had man as unique subjects of history. Based on the artistic production of the novelist, our study focuses on the social condition in which Isabella O’Neil Oliver is subjected, and consequently the dissipation of the identity of the protagonist of *Between the Acts* (1981), under the theoretical perspective of Hall (2005), Eliot (1989), Auerbach (1946), Woolf (2013), Llosa (2004).

Keywords: patriarchalism, identity dissipation, social hypocrisy

Introdução

¹ Graduada em Letras, Mestranda do Programa PPGEL, Campus Tangará da Serra – UNEMAT
Email: marcilenevasil@yahoo.com.br

A dissipação identitária de Isabella O’Neil Oliver em “Entre os Atos” de Virginia Woolf

A ficção de Virginia Woolf é estudada sob diversas perspectivas, e suas personagens, de acordo com vários de seus críticos, são seres que reproduzem uma linguagem capaz de expressar persuasivamente a subjetividade humana, as profundezas e os movimentos dos estados interiores da consciência. Propondo questões sobre as condições humanas, a romancista inglesa opõe-se à tirania de uma sociedade patriarcalista, visando uma transformação política e social, ainda que não dogmática ou “panfletária”. Dona de uma diversificada produção literária, Woolf permeou entre romances, contos, diários, cartas, ensaios, ensaios-contos, biografias, entre outros gêneros. Completamente sensível às mudanças do seu tempo, abordou temáticas que reafirmaram os valores primordiais que vão desde a justiça até a igualdade entre os homens. Embora pertencente de uma classe aristocrática do século XX, Woolf com seu estilo pessoal teceu considerações e críticas sobre a ética de uma sociedade que tinha como “fonte natural” de poder a tirania.

Em convivência com outros intelectuais, a escritora buscava combater o poder britânico reivindicando a não opressão entre as classes, pois o perfil traçado para as mulheres vitorianas nunca fora entendida pela romancista como uma postura humanista. Na concepção da autora, a sociedade em geral precisava ser livre – se as tiranias e as restrições chegassem ao fim, a mulher podia contribuir no campo social, cultural e artístico. Contudo, era preciso que o homem também se emancipasse da tirania de que era escravo, pois a liberdade de ambos daria lugar à arte e a vida. O inter-relacionamento entre sua vida real e a das suas personagens deu ao coração da escrita de Woolf um estilo muito pessoal, um olhar aprofundado sobre a condição humana ao mesmo tempo em que pouco-a-pouco desconstrói a forma tradicional do romance.

Em sua última obra *Entre os Atos* (1981), Woolf trouxe inovações envolvendo a estrutura e a técnica da escrita, elevando um nível extremo de sensibilidade fixando recursos da prosa como expressão dramática. O romance considerado dramático-lírico perpassa por períodos históricos da Inglaterra e comporta uma peça histórico-alegórica que contrapõe acontecimentos da vida dos personagens. A narrativa se passa num dia qualquer de verão no mês de junho do ano de 1939 na

fazenda Pointz Hall. De enredo aparentemente simples narra a história dos Oliver, uma família dentro de uma cultura calcada numa intensa moralidade da sociedade britânica do início do séc. XX. Inseridos num jogo social de uso e costumes que elevava a aparência acima de tudo, os protagonistas são convidados a refletirem sobre “Nós mesmos”. Ou seja, como as imposições sociais interferem na construção identitária de cada personagem. Na tentativa de captar a “verdadeira essência” de cada um, ou fazê-los reconhecer e/ou admitir que não somos “nós mesmos”, o narrador os põem no mesmo cenário sob a condição de plateia jogando ironicamente com todos eles. A ironia se confirma quando as personagens que estão sob a condição de plateia “trocam” de posições, e passam a ter consciência de que eles são atores do tempo em que vivem. Primando por uma compreensão que nos leve/e ou aproxime do interior dos seres fictícios de *Entre os Atos*, a pesquisa toma como prioridade analisar a dissipação identitária de Isabella Oliver que tem seus desejos oprimidos por valores éticos instituídos socialmente.

1. Reclusão doméstica e a intelectualidade invisível

Onde há uma inter-relação entre sujeitos e imaginação, é impossível não haver aproximação da realidade “autêntica”, pois como esclarece Woolf, o romancista “tem de ter a coragem de dizer que o que lhe interessa não é mais ‘aquilo’, mas ‘isto’: e a partir ‘disto’ é que deve construir sua obra.” (WOOLF, 2014, p. 113). O registro que põe em proximidade essa afirmação está sugerido no contraste entre o real e o imaginário combinando um conflito entre os desejos das personagens e as objeções morais impostas. Essa variação produz um efeito consciente, contudo impiedoso, pois concebe a Isabella uma transitoriedade entre o possível renegado e o impossível almejado.

A ideia de abarcar uma totalidade traduz na personagem uma sensação de asfixia e angústia que é expressa em forma de sonho poético como tentativa de preludiar uma realização. A poesia, ao mesmo tempo em que a constitui realça um avivamento do não-ser possibilitando um “afastamento” por hora do real-possível. A Sra. Oliver, casada com o Sr. Giles Oliver, mãe de dois filhos, transita entre o desejo pulsante pelo homem de cinza e a aglutinação de dois sentimentos pelo marido – amor e ódio. A concretização da “representação” e/ ou insatisfação que a leva a refletir sobre a angústia de uma “Rainha ou sobre o heroísmo do Rei Harry”

A dissipação identitária de Isabella O’Neil Oliver em “Entre os Atos” de Virginia Wolf

põe claro o uso irônico dos pseudônimos. Para que não fosse rompido o elo que liga e identifica sua devoração psíquica, usou-se a alegoria da rainha e do rei para contemplar a condição do seu fracassado enlace matrimonial.

O epíteto “rainha” dava a ela o poder “de dizer tudo o que lhe viesse à cabeça” até o direito de se recolher, de “sair do círculo de rostos de porcelana” e jogar seu alfinete no poço dos desejos e obter “-Água. Água...” que a cobrisse por inteira. (WOOLF, 1981, p.85:78). A poesia aqui se põe a serviço de uma individual problemática que não leva ao escapismo absoluto, mas mascara a consciência do que a personagem pretende esconder. É do jogo entre a lucidez e a fuga que nasce o labirinto do efeito pessoal, e então o que resta é apenas representar o papel desempenhado pelo jogo. Temos, pois, constituído um poético articulado, cheio de significação particular, mas que parece não bastar a si mesma. O eu interior da Sra. Oliver “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (HALL, 2005, p. 13). Por a narrativa se configurar no espaço rural, a personagem tem ao seu favor o contentar-se dos passeios por entre a relva, o que introduz outra tematização emprestada pelo texto: o espaço. Entretanto, sob nossa perspectiva de estudo, importa mostrar esse recurso como uma reunião de artifícios que a cada desenrolar das ações confessa e encaixa na moldura narrativa um acúmulo simbólico que, ao mesmo tempo em que contrasta, integra os entre-os-atos das personagens. O eu lírico que por vez fala por Isa contempla uma possibilidade do absoluto e vê o mundo de um ângulo privilegiado, “(...). Não dê atenção aos gritos dos que nos conduzem, que acabarão nos abandonando, nem à tagarelice desses rostos de porcelana, vítreos e rijos.” (WOOLF, 1981, p. 114). Mas, Isa, ao contemplar a paisagem, tinha a aguda consciência de que “sentia-se aprisionada. Setas robustas feriam-na, atacando as barras da prisão, da sonolência, que as recurvavam; setas de ódio. Ela não sentia setas de amor ou ódio atravessarem os corpos das outras pessoas.” (WOOLF, 1981, p. 53).

Isabella era uma alma triste que estava propensa a sentir dois tipos de sentimentos adversos que a aprisionava. O amor e ódio que ela sentia pelo marido colocavam-na em extrema divergência interior fazendo-se questionar sobre os sentimentos das outras pessoas. Isa sentia-se vulnerável diante da vida em que

levava, e talvez por isso não visse em outros seres sentimentos similares. Era como se as setas dos dois sentimentos ignorasse o mundo e se instalasse nela numa proporção violenta conduzindo-a a mais profunda tristeza e questionamento do eu.

Woolf dera a Isabella dois tipos de escapismos: um são os passeios por entre a natureza que a possibilitava sonhar e/ou se afastar da sua realidade frustrante. O outro se dá em conjunto com o primeiro, pois é desfrutando da natureza que a personagem vive os momentos mais líricos da narrativa. Isa era uma poetiza anônima, guardava o que escrevia de Giles, pois tinha medo do julgamento do marido. Andava por entre a paisagem sonhado com peças e poesias que somente no campo do abstrato tinha sentido. Ela transitava entre o sonho e a realidade, ora buscando colher uma flor, ora desejando uma espada cravando o peito. Ao transitar entre os dois sentimentos que a sufoca, a Sra. Giles com seu tom angustiante procura entender um pouco de si e converte-se numa proporção em que vai além de uma singular existência.

O tempo da natureza e o tempo da vida se interagiam e a confiança pesava em um “nunca nos vimos antes e nunca nos veremos mais.” (WOOLF, 1981, p.86). O refugiar da personagem passa do plano exterior para o plano interior fixando uma luta que, quanto mais se confessa mais se funde entre luz e sombra. A vida é tomada num contexto emocional inquieto, que o indivíduo ainda não concluiu, mas que necessariamente se sobrepõe e condiciona. O modo como Woolf concebe a insatisfação emocional de Isabella é estritamente complexo se levarmos em consideração que “A alma, ou a vida dentro de nós, de maneira alguma concorda com a vida exterior.” (WOOLF, 2007, p.25).

Isa não tem equilíbrio, e isso lhe é perfeito, pois ela representa a consciência e a trajetória de um espírito que transita entre o sonho e a realidade com a mesma veemência. A Sra. Giles sonha com a felicidade e com a liberdade, mas entre ela e o marido “Não importava a infidelidade dele. Era a dela, sempre, que importava.” (WOOLF, 1981, p.83). A personagem sofre com a desigualdade que lhe é imposta. Giles podia traí-la, ridicularizá-la, culpá-la, socialmente que ao fim tudo era “perdoado”, pois a ele tudo era permitido. A ela caberia apenas obedecer às regras impostas e esquecer o amor que sente pelo homem de cinza escondendo seus desejos na gaveta onde guardava seus escritos simbologia dos seus impulsos.

Supõe-se que a “aceitação” da traição de Giles organiza-a socialmente e revela o lugar ocupado pela mulher dentro do patriarcalismo. A submissão

A dissipação identitária de Isabella O’Neil Oliver em “Entre os Atos” de Virginia Woolf

aparentemente “espontânea” não é de todo uma compreensão a considerar: é óbvio que suas reflexões têm tendências tradicionais, pois como a própria Woolf a descreve: ela não passava de “uma dama tola, querendo agradar e ‘frustrada’ era o termo que melhor se aplicava a Isa.” (WOOLF, 1981, p.18).

O eixo central que move a vida da personagem é as investidas frustradas de libertar-se das prisões convencionais dos costumes vitorianos. Esse é o lado positivo de Isa, pois configura e molda o indivíduo em sua mais primitiva emoção: a liberdade. Essa característica é que rodeia e expõe mais intensamente a personagem, de modo a ampliar o contexto social e individual. O que há de sustentável e complexo nisso é que a Sra. Oliver tinha consciência de que “-Agora posso colher a minha flor solitária.” Mas “Branca ou Vermelha?” E sob nenhum aspecto de dúvida “comprimi-la assim entre os dedos.” (WOOLF, 1981, p.113). Isa joga entre a liberdade de colher e/ou escolher e a dúvida de acertar para posteriormente constituírem si um merecimento. Essa posição reflete os efeitos de uma mente consciente, contudo, injustificável no plano das realizações.

Naturalmente, essa não é uma atitude que confessa aventurar-se, mas tomada de uma intenção e/ou desejo, tende a realizar-se no plano imaginário. A relação comportamental entre sonho e realidade cria uma tensão psicológica e fornece um conectivo que sonoramente comunica dizer que “(...); os hábitos e os costumes são conveniências tramadas como amparo para naturezas tímidas que não ousam permitir a suas almas movimentos livres.” (WOOLF, 2007, p. 28).

Isa era frágil, sonhadora, frustrada. Era um espírito dependente economicamente do marido impossibilitada de assumir sua personalidade. A sociedade traçou para as mulheres vitorianas um perfil que não se enquadrava a personagem – a de ser dona-de-casa, mãe e esposa. Embora ela impulsione pensamentos de mudança e de liberdade, ao fim acabava sempre aprisionada em suas emoções. Para Woolf, a liberdade da mulher só seria possível se fosse dado a ela opinião própria para poder “(...) dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo.” (WOOLF, 2013, p.13).

Isabela não tinha voz, não lhe fora dado espaço para sua criatividade, de algum modo comportava-se como alguém dominado pelo que a autora chamou de “O Anjo do Lar”. Sra. Giles Oliver, a personagem mais poética de Woolf, não

conseguiu matar o “anjo” que a dominava, e por isso se questiona, se abre à sugestões e perplexidade existencial num desalento tão profundo que por vez isolava-se enquanto medita sobre seu próprio destino.

O corpo interior da Sra. Giles reúne sentimentos adversos revelando-se uma alma mais que sensível-sentia amor e ódio pelo marido-sentia que era inevitável a aglutinação desses dois sentimentos, contudo era incapaz de compreender ou explicar as dores que envolviam a própria vida, pois ela sentia uma angústia tanta que não pode ser descrita. As profundezas do interior tornam-se notáveis, uma vez que esse ponto além de impregnar o cotidiano também se revela para Isa uma descrição de tudo que está entrelaçado nele. Num simples vilarejo na qual se goza a vida, as peculiaridades estruturam-se de formas distintas, e os sentimentos são expressos muitas vezes de maneiras entediadas. Isabella constitui um exemplo do que acabamos de mencionar. Ela cogita uma liberdade e organiza em arranjos desprendidos do plano físico, pois ela mesma acreditava que “Não valia a pena anotar as palavras naquele caderno, encapado como se fosse um registro de contabilidade, para prevenir-se caso Giles tivesse alguma suspeita.” (WOOLF, 1981, p. 17). Mesmo que indiretamente, é aplicável a Isa a opinião que a romancista tinha sobre a história da linha masculina e feminina na Inglaterra.

De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (WOOLF, 2014, p. 271).

A incapacidade de aceitar como norma o domínio do homem sobre a mulher atribui à personagem uma perspectiva que retoma sua inconformidade “- A biblioteca é sempre o aposento mais simpático de uma casa-citou, correndo os olhos pelos livros. Eram “o espelho da alma.” Ou talvez não um poema: a história de uma vida. Ou nada de vida, mas ciências.” (WOOLF, 1981, p. 20). Mas, para além dos escritos, os reflexos de uma sombra contínua remetem na consciência da personagem que não há pura e simplesmente a paz, mas sim, um escapismo às

A dissipação identitária de Isabella O’Neil Oliver em “Entre os Atos” de Virginia Wolf

avessas que os livros projetavam nela justamente porque estava convicta que “Nenhum deles curava sua dor de dente.” (WOOLF, 1981, p. 20).

Sem apoio e condenada aos insultos do sogro e as traições do marido Isabella transitava entre o amor e o ódio. A poetiza amedrontada de Woolf divaga entre o exterior e o interior e, conseqüentemente, dá ênfase às suas isoladas reflexões. “- O que desejo? Voar para longe do dia e da noite, e chegar onde... não haja mais separações... e os olhos se encontrem... e...” (WOOLF, 1981, p.64). É muito difícil não considerar a subordinação e a confusa expectativa de Isa em relação ao esforço e sua recompensa individual, pois são questionamentos que compreendem um desejo e uma incerteza, e que juntos formam uma insegurança. Tais conclusões enfatizam os caminhos inconclusivos e se confirmam nas sombras dos pensamentos constantes.

Provavelmente, Isabella torna-se, com grande propriedade, o que Woolf chamou de “solitária por entre os canteiros de flores” ou em última análise um burrico “atravessando o deserto... levando sua carga...” (WOOLF, 1981, p.112: 127).

À medida que a história de Isa se desenrola experimentamos sensações que ao fim reforçam a dualidade existente entre a convenção e o possível imaginário. O aspecto menos convincente sobre Isa seria afirmar que ela é uma “dama tola, querendo agradar, ao se deter no umbral (...).” (WOOLF, 1981, p.18). Vítima de poder e autoridade, Isa não desejava nada mais que “- Desaparecer e esquecer de todo (...). – A lassidão, a tortura, a agitação...” (WOOLF, 1981, p.45).

Disfarçada sob as nuances da linguagem, a ironia de Woolf transita entre o essencial e um acontecimento comum; uma união extremamente forte capaz de fixar com exatidão, a consciência presente e a rememorante. Isa é o que podemos caracterizar como um espelho das conveniências vitorianas. Ela é quem a vida não negou ver por cima dos ombros a chegada de “uma avestruz, uma águia, um carrasco.” (WOOLF, 1981, p.128). Isabella constitui um exemplo extremo de uma submissão patriarcal, e o resultado desse acontecimento é não ser lhe cabível descobrir novas emoções, mas permite valer-se do corriqueiro para trabalhar o nível poético, e em meio a isso experimentar emoções tais. Essa natureza aparentemente confusa se explica pela lógica de que “A poesia não é uma liberação da emoção,

mas uma fuga da emoção; não é a expressão da personalidade, mas a fuga da personalidade.” (ELIOT, 1989, p. 47).

A heroína de Woolf fornece uma intenção que produz um efeito de proximidade que implica numa consciência social. Ela tencionava intensificar as prudências do lar, mas infelizmente a realidade de Isa não podia oferecer um conectivo que estruturasse uma coerência, pois seu lar tinha uma relação direta com algo impuro. “- não impuro, não era essa a palavra -, mas talvez “anti-higiênico”? Como um pedaço de carne estragada, “com barba”, como diziam as criadas?” (WOOLF, 1981, p. 125). Não deve o exposto parecer um artifício duvidoso.

Antes, trata-se de demonstrar:

(...), onde o escritor atinge a impressão mencionada colocando-se a si próprio, por vezes, como quem duvida, interroga e procura, como se a verdade acerca da sua personagem não lhe fosse mais bem conhecida do que às próprias personagens ou ao leitor. (AUERBACH, 1946, p. 482).

As conotações soam como uma projeção de uma visão subjetiva íntima que a tudo adverte; e ainda que na menor das hipóteses cogitemos a possibilidade de um lar feliz, a consideração não se etiqueta como aceitável. O peso semântico que permeia entre a figura masculina e um pedaço de carne estragada se firma pelas palavras de Woolf em seu diário. “(...) um comportamento brutal. Se, em vez de palavras, ele tivesse utilizado um chicote, a brutalidade não teria sido pior.” WOOLF (apud Lemasson, 2011, p.76).

Woolf definiu seu método, retratou com vitalidade um essencial processo que ao mesmo tempo em que quebra a distância entre narrador e personagem aproxima-os pela ficção. Uma ação combinada que comporta não só mudanças estruturais, mas também uma interligação relevante. Um dos resultados mais evidentes em *Entre os Atos* sugere uma reflexão que nos conduz ao interior dessa consciência. Em relação à personagem de Woolf “não se trata apenas de um sujeito, cujas impressões conscientes são reproduzidas, mas de muitos sujeitos, amiúde cambiantes; (...)” (AUERBACH, 1946, p.483).

Por um lado, a representação por si só atinge pontos heroicos, pois possibilita à personagem uma “independência” que se restringe a um vislumbrar poético e uma

A dissipação identitária de Isabella O’Neil Oliver em “Entre os Atos” de Virginia Wolf

realização amorosa com o homem de cinza. Por outro, constitui uma profunda forma de afastar-se da vida social e emocional. Isa é o que não surpreende um espírito queixoso que se debate entre a força de um desejo e um impulso que a impede. Se há nela dois termos centrais de “amor” e “ódio” que regem, há também um efeito profundo que a contagia. Curiosamente, ambos os sentimentos se confundem com tanta propriedade que ela permeia entre efeitos negativos e positivos sem a preocupação de diferenciá-los. Isabella ama e odeia o marido com a mesma intensidade que busca traí-lo com o homem de cinza.

“Ele é meu marido”, pensou Isabella enquanto se cumprimentavam de longe, em silêncio, por sobre as flores coloridas. “Pai dos meus filhos.” O clichê ainda funcionava; ela sentiu orgulho, afeição; e orgulhou-se novamente, por ter sido a escolhida dele. Depois de, à noite, ser varada de desejo pelo fazendeiro; depois de contemplar-se ao espelho pela manhã, era um choque descobrir o quanto ainda sentia de amor ao ver o marido entrar, não uma almofadinha da cidade, mas um jogador de críquete; e o quanto também sentia de ódio. (WOOLF, 1981, p. 40)

Quanto a Isa, ainda é possível dizer que o pivô que gira em torno da complexidade emocional, reflete consequências que vão desde a ondulante realidade à mistura imaginada desta. A personagem comporta um jogo que estrutura a narrativa pela relação entre a emoção do real e a emoção do imaginário, que juntos formam uma “possibilidade” de realização. As emoções da Sra. Oliver, por assim dizer, mostram como o imaginário, ao se deparar com o real, reage. Como não há nela uma distinção existencial emocional que pode caracterizá-la como não aglutinante, defende-se que o real e o imaginário se unem numa força discursiva que por vezes torna se mais forçoso saber se Isa está transpondo a realidade para dentro de uma representação ou se representa diante da realidade. Em face da realidade exterior, o narrador diz que “Enquanto aguardava, ela apanhou uma faca de uma prateleira. Ele a viu parada com a faca na mão diante do vidro esverdeado, da figueira e da hortênsia azul. Isa ainda cantarolava:” (WOOLF, 1981, p.85).

Mas, a realidade interior sustenta a integração antes mencionada:

-Ela falou, e do vale nevado dos seios tirou uma lâmina brilhante... “Lâmina, enfia te no meu peito!” gritou, e deu o golpe. “Infel!” exclamou então, “também tu, lâmina, és infiel! O punhal partiu-se como o meu coração!” (...).
– Eu queria que a peça não ficasse o tempo todo girando na minha cabeça-comentou. (WOOLF, 1981, p. 85).

Trata-se de uma peculiaridade estilística que percorre e intercruza o caminho da consciência de tal forma a captar a estreita relação que a personagem faz entre o prático terreno e o poético-sobrenatural. O que ocorre é uma força da imaginação criadora que converte um acontecimento exterior em uma cadeia de ideias com liberdade tal, que a realidade e o sonho confessam difíceis separá-los. Esse “equilíbrio” entre essas duas esferas é uma condição que iguala a personagem à matéria narrativa do que Woolf chamou de “cozido ao ponto”, pois “A realidade para ela tremula e oscila a cada percepção e sensação, e as ideias são sombras que ladeiam seus movimentos privilegiados.” (BLOOM, 1994, p. 417). Assim, o duplo jogo entre o real e o imaginário que estrutura a personagem reúne desde um comportamento lírico que a fecha em si mesma, a um fundar estratégico que recusa a realidade recriando novas realidades através da poesia.

O mundo real de Isabella tem qualquer coisa de substancial que a leva a reconhecer ou admitir que “Sempre havia algum olho frio rastejando sobre a superfície, como uma mosca azul.” (WOOLF, 1981, p. 127). Notável na perspectiva de Isa é que para ela “Não existe mudança”; mas ao mesmo tempo encorajava a si mesma, repudiando a mesmice, assumindo uma posição determinada para enfrentar o mundo e suas consequências “Erga-se, burro. Siga seu caminho, até que seu casco rache e suas ferraduras se quebrem.” (WOOLF, 1981, p.113).

A descrição dos dois processos toma como atributo uma expressão que se revela sensível a cambiantes particularidades, que por sua vez, não é simplória, não se apoia num mundo controlável, ao contrário: a ordem habitual do mundo serve-lhe de matéria de dúvida, e a complexidade disso tudo aponta para uma liberdade imaginativa que recusa olhar para dentro do mundo real, e por isso, refugia-se no seu interior intencionando viver uma constante busca de significado através da verdade “inexprimível”. Isso é mostrado como uma espécie de “desorientação”, visto que o herói ou a heroína contrastam aproximação interna e liberdade natural

A dissipação identitária de Isabella O’Neil Oliver em “Entre os Atos” de Virginia Wolf

ao mesmo tempo em que olha a vida e não fecha com totalidade o que tem para dizer.

A não centralização humana se aninha no misterioso interior do “eu”, e o que eles têm de mais profundo e pessoal é um enigma formulando o processo interior da verdade pelo psicológico. Nessa atmosfera unipessoal de significação interna a opacidade é uma constante. Nesse jogo “transparente”, a ação não é considerada como “uma via que dá acesso à personalidade daquele que age, como uma expressão, ou até como sintoma.” (TODOROV, 2003, p. 97). Essas são provocações que nos ajudam a compreender inquietudes esboçadas por Woolf, que tinha como profissão a literatura. Nesse mundo em que o herói não se ajusta ao que o mundo traz como verdade, o leitor “nunca fica de frente, pessoalmente, com a primeira realidade que acontece na novela, somente com as diferentes versões subjetivas que dela têm os personagens.” (LLOSA, 2004, p. 71).

Cercada por uma sociedade conservadora e aprisionada a um cotidiano medíocre, Isa queria transcender, fugir dos dogmas e preceitos que a aprisionavam. Para Llosa quando as prisões transformam nosso eu em caos entramos em crise e, “esse é o momento privilegiado para a ficção.” (LLOSA, 2004, p.18). Em um voo imprevisível as recordações e as invenções da personagem se misturam livremente, ainda que em nostalgias e frustrações suas poesias, “Suas ordens artificiais proporcionam refúgio, segurança, e nelas se desdobram livremente aqueles apetites e temores que a vida incita, e não consegue saciar ou conjurar.” (LLOSA, 2004, p. 18). O eu angustiado de Isa buscava pela ficção “Sair de si mesmo, ser outro, ainda que seja ilusoriamente, é uma maneira de ser menos escravo e de experimentar os riscos da liberdade.” (LLOSA, 2004, p. 19). A imaginação lhe concebia uma “soberania individual”, mas Isabella temia o julgamento do marido, todavia ela não passava de um espírito frágil, mutilado, “a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e as fantasias de desejar outras mil.” (LLOSA, 2004, p.17).

O patriarcalismo é num sentido lato o conjunto de poder em que as personagens de *Entre os Atos* estão condicionadas. Ao enredo, acrescenta-se o fato de que a fluidez da representação e da identificação dos seres fictícios é tão múltipla quanto suas aparências. Em *Entre os Atos*, Woolf não procura categorizar e/ou

classificar uma identidade única nas personagens, mas proporcionar uma possibilidade de transcendência para que estes repensem nos papéis representativos em que a sociedade está configurada. O romance problematiza as contradições e as incertezas de um eu que se posiciona como um ser em que a identidade está num processo de autorrepresentação em constante ressignificação. O contexto histórico em que os seres estão inseridos aponta para uma busca constante em que qualquer identidade assumida como autêntica e natural não passa de infundada ilusão, visto que muito embora tenhamos várias possibilidades dentro de nós, também é reconhecível que somos limitados em nossas escolhas. As sociedades “são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições do sujeito’- isto é, identidades – para os indivíduos.” (HALL, 2005, p. 17).

Os vários “eus” que se aglomeram no indivíduo estão impossibilitados de escolherem o papel que deseja representar, pois dependem do contexto em que estão inseridos. As relações díspares sociais entre sujeitos e suas identidades estão intrinsicamente ligadas em *Entre os Atos*. Isa era avessa às armas e tinha a biblioteca como um aposento mais simpático de uma casa. Contudo, vivia condicionada a uma sociedade que tinha o homem como sujeitos únicos da história. Seus escritos poéticos eram guardados numa gaveta onde metaforicamente ela trancava sua liberdade e, conseqüentemente sua identidade revelando-se um ser limitado e oprimido por uma ordem social.

2. Conclusão

Interessou-nos nesse estudo, o que o narrador, ironicamente instalado na intimidade das personagens, relata sobre suas personalidades enigmáticas inseridas num contexto histórico-social, obrigando-as a refletirem sobre dúvidas e incertezas quanto a problemática “Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva (...)” (HALL, 2005, p.12). Em *Entre os Atos*, o presente atualiza o passado, seja por expressão, seja por atitude, e a complexidade obtida a partir desse arranjo evidencia um ocupar-se da vida tanto no nível mental quanto espiritual.

Interpondo uma narrativa carregada de simbologias, e através dos questionamentos sobre si mesmos responsabiliza as personagens por suas

A dissipação identitária de Isabella O’Neil Oliver em “Entre os Atos” de Virginia Wolf

“atuações” no mundo. Completamente consciente da hipocrisia social, Woolf joga com as personagens de *Entre os Atos* fazendo-os pensar sobre uma sociedade erigida sob “pedaços de nós mesmos”, pois, de acordo com a autora, somos (de alguma maneira) influenciados pelos os usos e costumes comportamentais da época em que vivemos.

Referências

AUERBACH, Erich. A “Meia Marrom”. In: AUERBACH, Erich. *Mimeses: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1946. 507p.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994. 552p.

ELIOT, T. S. *Ensaio*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102p.

WOOLF, Virginia. *Entre os Atos*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 156p.

WOOLF, Virginia. *O leitor comum*. Tradução de Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 2007. 135p.

WOOLF, Virginia. *Profissões para Mulheres e Outros Artigos Feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. 112p.

WOOLF, Virginia. *O Valor do Riso e Outros Ensaio*. Tradução de Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 512p.